

DOSSIÊ

O Vale do Jequitinhonha em vários olhares

*Maria Aparecida de Moraes Silva**

O presente dossiê da *UNIMONTES CIENTÍFICA* contempla a realidade da região do Vale do Jequitinhonha a partir de vários olhares.

Meu primeiro contato com esta região ocorreu nos idos de 1987, quando realizava uma pesquisa com trabalhadores rurais da região de Ribeirão Preto/SP. Num domingo do mês de junho daquele ano, durante uma pesquisa de campo numa grande fazenda de café, fui informada sobre a existência de muitos mineiros, que estavam alojados num barracão. Era um grupo composto por 60 pessoas, homens, mulheres e crianças. Ao serem inquiridos sobre as razões de migrar e estar naquele lugar – cujas condições eram precaríssimas – suas respostas incidiam sempre sobre as necessidades financeiras. Na realidade, aquele não era o lugar deles e, sim, o não-lugar. “Aqui não é a terra da gente”, era a frase emitida e eivada de um profundo sentimento de tristeza.

Em busca da compreensão do significado daquela mensagem, naquele ano, elaborei outro projeto de pesquisa cujo objetivo era a análise das condições de vida e trabalho dos migrantes, provenientes do Vale do Jequitinhonha para a região de Ribeirão Preto/SP, levando-se em conta o lugar (*a terra da gente*) e o não-lugar (*a terra que não é da gente*). Em meados de 1988, realizei a pesquisa de campo nas áreas rurais dos municípios de Turmalina, Chapada do Norte, Berilo, Minas Novas e Araçuaí¹.

Minhas pesquisas atuais apontam – decorridos mais de 15 anos – para a permanência da migração temporária de milhares de migrantes, provenientes não somente desta região,

* Professora livre docente do Departamento de Sociologia – UNESP – *Campus* de Ararquerá

¹ Os frutos desta pesquisa foram artigos publicados em várias revistas, além de incorporarem o livro *Errantes do fim do século*, publicado pela Edunesp (1999), e o Vídeo *As Andorinhas. Nem lá. Nem cá.* (1991).

como também de estados do nordeste do país, e também para a permanência das formas de exploração da força de trabalho. São milhares de pessoas, sobretudo, homens jovens, que, ano após ano, suportam o fardo do trabalho nos canaviais, laranjais e cafezais desta região, considerada uma das mais ricas do país.

Naquele momento, procurei acompanhar a trajetória daqueles homens e mulheres em dois espaços-tempos: lá e cá. Lá, um mundo diferente: sua terra, sua gente, seus valores, seus referenciais, suas festas. Cá, o mundo do outro: outros valores, terra do outro, terra do salário, do dinheiro, da mercadoria, terra onde trabalho vira tempo de trabalho.

Lá, a terra se misturava ao humano. Não havia a disfunção. Havia um todo, onde a terra, as coisas complementavam o homem, incorporando-se a sua materialidade e subjetividade. Cá, ao contrário, o registro foi o da disfunção. A terra é a terra-capital. O homem aparecia separado do produto de seu trabalho. Lá, a ausência de individualidade e existência de indivisibilidade. Cá, a individualidade e a divisibilidade necessárias, reais. Lá e cá: dois mundos, separados no espaço, unidos no tempo.

Na verdade, nunca me afastei da realidade dos camponeses migrantes. Desde aquele longínquo domingo junino, passei a fazer parte de sua comunidade de destino, quer pelos meios acadêmicos, quer pela práxis política. No momento atual, em razão do incremento da mecanização, sobretudo do corte da cana, o grau de exploração tem aumentado progressivamente, fato este que tem mobilizado vários setores da sociedade civil – dentre eles, a Pastoral Migratória e a Universidade – em defesa dos direitos destes trabalhadores.

Portanto, apresentar este dossiê da revista *UNIMONTES CIENTÍFICA*, sobre a temática do Vale do Jequitinhonha, é, para mim, motivo de enorme alegria e reconhecimento da importância desta realidade social para um conhecimento científico comprometido com a práxis política transformadora.

Os trabalhos aqui reunidos contemplam a memória da organização das fazendas e agregados, as vivências/experiências de camponeses migrantes, formas de solidariedade camponesa – levando-se em conta o recorte de gênero –, a memória da escravidão, a degradação do meio ambiente e também a descrição das fontes existentes sobre a história do Vale do Jequitinhonha.

Sem sombras de dúvida, trata-se de uma coletânea que trará uma contribuição efetiva para os estudos sobre esta temática, além de revelar às pessoas que vivem no mundo dominado pela mercadoria, que os camponeses pobres têm muito a lhes ensinar sobre solidariedade, cultura e outros valores, além da riqueza produzida por eles nas terras do grande capital.